

ANAIS DA II JORNADA DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS DE PARINTINS



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS
PARINTINS - 2018

Weberson Fernandes Grizoste
(Org.)

Anais da II Jornada de Estudos Clássicos e Humanísticos de Parintins

<https://amazonas.academia.edu/latinitas>
latinitates.weebly.com
facebook.com/latinitates

Arte da capa: Thiago Godinho
ISBN: 978-85-7883-473-9

Centro de Estudos Superiores de Parintins
Universidade do Estado do Amazonas
Parintins – AM
2018

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- R. Bennet (1986). **Uma breve história da música**. Trad. M. T. R. Costa . Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- E. Cardine (1989). **Primeiro ano de canto gregoriano e semiologia gregoriana**. Trad. E. F. Dewe. São Paulo: Palas Atenas/ Attar.
- D. J. Grout; C. V. Palisca (1994) **História da Música ocidental**. Trad. A. L. Faria. Lisboa: Gradiva Publicações.
- D. Harrán (1997) "Toward a rhetorical code of early music". **The Journal of Musicology** 1. p 19-42.
- C. R. R. Jesus (2010). "A música sob o discurso". J. Cavalheiro; (Org.). **Literatura, Interfaces, Fronteiras**. Manaus: UEA Edições.
- (2013). **Introdução à prosa rítmica na antiguidade clássica: estudo e tradução do Orator de Cícero**. São Paulo: Mercado de Letras.
- O. Lacerda (1967). **Teoria Elementar da Música**. São Paulo: Ricordi Brasileira.
- H. I. Marrou (1973). **História da Educação na Antiguidade**. Trad. M. L. Casanova. São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo.
- B. Med (1996). **Teoria da Música**. Brasília: Musimed.
- O. Reboul (2004). **Introdução à Retórica**. Trad. I. C. Benedetti. São Paulo : Martins Fontes.



A RECEPÇÃO DA FIGURA FEMININA NA OBRA LISÍSTRATA DE ARISTÓFANES E O CORTIÇO DE ALUÍSIO AZEVEDO

Simone Picanço [UEA]

Orientador: Weberson Grizoste [UEA]

Resumo: *Este trabalho tem como objetivo desenvolver um estudo sobre a recepção da figura feminina em Lisístrata de Aristófanes e O cortiço de Aluísio de Azevedo, é uma pesquisa baseada na teoria estética da recepção de Hans Robert Jauss, que propõe o estudo da literatura sob a perspectiva de sua relação com a época de produção e com a posição histórica das personagens. Usaremos o princípio metodológico da pergunta e resposta, por meio do diálogo com texto.*

Palavras-chave: Estética da Recepção. Literatura. Aristófanes. Aluísio Azevedo.

Esta pesquisa é baseado na estética da recepção, sob os postulados de Hans Robert Jauss, que propõe um estudo da literatura sob a perspectiva de sua relação com a época de produção e com a posição histórica do intérprete. Sendo, a estética da recepção fruto do encontro entre poética e hermenêutica, ou seja, a estética e a interpretação. Jauss considera a história nas análises do texto literário, sua teoria dar ao leitor o papel decisivo quanto a estética da recepção.

Segundo a teoria de Jauss, uma obra do passado só emergirá no presente se o leitor atual se propuser novas perguntas que a tirem do seu isolamento, ou seja, o valor de um texto poderá ser ignorado por longo tempo, até que dado momento ele seja descoberto, através da pergunta correta no horizonte propicio a compreensão do leitor.

Na teoria de Jauss o valor histórico da literatura se dar através da compreensão da recepção de uma obra a partir de sua publicação, assim como pela recepção do público ao longo do tempo. A relação entre o leitor e o texto é um fato primordial da literatura, além da autorealização da obra literária se coincide com a historicidade.

A literatura, enquanto memória apresentou e nos apresenta um retrato, uma amostra de imagens construídas na cultura e no imaginário de uma sociedade que internaliza seus valores socioculturais, ou seja, ela não passa de um registro vivo de um povo, de uma época. Segundo Proença Filho (1989), o texto literário revela uma realidade, apoiada pelas vivências humanas, onde as palavras de uma obra literária se tornam multisignificativas e adquirem valor específico no momento em que ela se integra e passa a interligar-se a todos os elementos ficcionais.

Quando pensamos na representação da figura feminina na literatura, logo pensamos nas descrições imagéticas masculinas, que desde dos tempos mais remotos descreviam a figura feminina a partir do ponto de vista de uma sociedade marcadas pelos valores patriarcais, que por muito tempo, relacionou essa imagem à passividade, obediência, fraqueza, fragilidade, perfeição e inferioridade.

A priori a representação da figura feminina na literatura é idealizada e se atribui a ela um certo caráter de mito, essa representação se propagava no período chamado romântico, após

esse período as vivências literárias da imagem feminina na literatura não retratam as personagens femininas de forma tão frágil, mas figuras capazes de cometer delitos como o adultério e ilícitudes em busca de riquezas. São personagens astutas, que sabem manejar situações diversas e são desprovidas de fragilidade. Já não se trata de uma mulher endeusada e cheia de mistérios, mas de um ser verossímil que trabalha, que é infeliz no casamento e que sonha com algo melhor para sua vida.

A primeira obra a ser analisada é *Lisistrata* de Aristófanes, onde o autor nos relata o poder de negociação da mulher, principalmente por tornar o homem-esposo dependente do sexo e usar isso a seu próprio favor.

Aristófanes foi um grande estudioso do Mundo Antigo, destacou-se por suas peças teatrais da Antiguidade grega. Suas obras se sobressaem por traduzir de forma crítica a realidade social, cultural, política e religiosa da sociedade ateniense clássica. Conforme Grimal (1978), a comédia de Aristófanes, em alguns aspectos, tem a função social de uma imprensa de oposição, com o ideal político, conservador, com respeito aos valores e a vida humana. O objetivo dele é denunciar tudo que for contrário ao interesse da cidadania e humanismo.

Aristófanes em sua obra *Lisistrata*, conta a história dos últimos anos da Guerra do Peloponeso, uma luta entre os atenienses e espartanos. Essa comédia traz um apelo pela paz, onde as mulheres que já estavam cansadas de sofrer pela perda de seus maridos nos campos de batalha, resolvem acabar definitivamente com esta situação. A rainha ateniense Lisistrata, convoca uma reunião de mulheres de diversas regiões da Grécia e diz que um meio eficiente que elas têm de ter os seus maridos de volta e de findar a guerra é fazendo uma greve de sexo, mesmo que para isso tivessem que lutar contra seus próprios desejos sexuais. A peça permeia entre jogos de sedução das mulheres e as disputas entre os sexos, com a forte defesa dos homens, entretanto, com o passar do tempo eles foram ficando desesperados e totalmente à mercê dos próprios desejos, e então decidem que seria melhor votar pelo acordo de paz.

O autor para satirizar a obra, dar as mulheres os mesmos direitos que é dado ao homem, como a cidadania e uma melhor condição social, ou seja, *Lisistrata* e as de mais mulheres assumiram

uma identidade e são descritas como agentes ativos, detentoras de cidadania e liberdade da palavra, mesmo que por meio do humor e ironia. Uma realidade bem diferente da vivida pelas mulheres deste período histórico.

Como foi dito acima as personagens femininas desta obra não são a representação da figura feminina na sociedade ateniense, Aristófanes fez uso dessas personagens para satirizar e ironizar a situação política a qual vivia Atenas, através da comédia ele conseguia criticar a aristocracia.

As personagens femininas criadas por Aristófane em *Lisístrata*, são mulheres assexuadas que assumem gostar de sexo, mas que abriram mão de seus desejos sexuais por um bem maior, mulheres que mesmo durante a greve admitem estar com saudades dos cortejos de seus maridos, ou seja, o desejo sexual das esposas se torna um ponto central na peça.

Lisístrata: Não sobra tempo para transar! Desde que a guerra começou está difícil encontrar algum homem pela cidade! Se continuar assim, deixaremos de ser cortejadas! É por isso que criei um plano! A nossa força de vontade acabará com essa guerra!

Cleonice: Sou capaz de enfrentar qualquer coisa!

Mirrira: Pela paz, estou disposta a tudo, porém até me cortar pelo meio feito um linguado!

Lampito: Para ter meu homem de volta, se for preciso, escalo as montanhas mais altas! (...)

Lisístrata: O plano é este: não fazer sexo em hipótese alguma!

(Decepção geral. Todas ficam chateadas e se afastam de Lisístrata.) (...)

Mirrira: Abrir mão do sexo?! Prefiro ir pra guerra! (...)

Cleonice: Topo qualquer parada, ando até sobre brasas, mas não fico sem “aquilo” de jeito nenhum!
(ARISTÓFANES, 2002, p.60-61).

Conforme o trecho acima conseguimos notar o teor sexual que permeia a obra, tanto nos jogos de sedução entre os homens e mulheres, quanto nos diálogos das reuniões entre mulheres, como vimos acima. Além das reclamações das mulheres quanto a greve, e observamos que a protagonista Lisístrata depois de muito argumentar

às convence que essa seria a melhor tática para darem fim na guerra e conseguirem a paz e o prazer.

A protagonista Lisistrata mostra ser a mais consciente, é ela que busca argumentar que somente com a greve elas conseguiriam ter seus maridos novamente e colocar um fim na guerra. Essa personagem desconstrói o estereótipo da mulher objeto de desejo do imagético masculino.

Para Murray (1968), a personagens, Lisistrata é a mais consistente que tem um toque de heroísmo, por ela ter domínio sobre todo o grupo, tanto mulheres quanto homens, ela é coerente em sua fala e não usa de ambiguidade como as demais personagens femininas. Além disso sua dignidade não é comprometida, pois Aristófanes é cuidadoso ao compor as caracterizações dessa personagem em especial.

Lisistrata é uma obra onde as personagens femininas tomam o lugar que tradicionalmente seria dos homens na cultura greco-romana, e mostra de forma cômica que as mulheres com seus encantos e sabedoria poderiam conquistar a paz. São mulheres ativas que estão envolvidas na esfera pública.

A obra *O cortiço* de Aluísio Azevedo, é uma obra que fez parte do movimento literário naturalista, nesse movimento a mulher é representada de uma forma bem real, com suas implicações e defeitos, e até mesmo de forma exagerada. Conforme Montello (1963), Aluísio é um pintor que preferia pintar diante do modelo vivo, o cenário de sua observação, permitia que ele pintasse o que estivesse ao alcance de seus olhos, por sua a força e originalidade em suas obras.

Nesta obra Azevedo relata tudo que acontece na vida de pessoas pobres que moram em moradias coletivas no Rio de Janeiro. Seu personagem principal é João Romão, um homem que tem uma enorme obsessão em enriquecer a qualquer custo. Ele destaca as condições socioeconômicas do universo feminino do século XIX, bem como o modo de vida das personagens femininas como: as solteiras, as adúlteras, as lavadeiras, mulheres independentes e a mulher subordinada.

A mulher é representada nesta obra como agente da realidade, onde o autor nos apresenta através das personagens contradições entre as representações da mulher, como a sedutora e

sensual, Rita Baiana e a Submissa Bertoleza. Porém, ambos os comportamentos podem ser explicados pela influência da corrente literária naturalista que vigorava na época. São duas personagens que representam estereótipos da figura feminina negra e pobre não idealizada. Essa relação talvez tenha ocorrido devido o processo de abolição que vigorava no período histórico da obra.

Cada personagem feminina de *O cortiço* constituem características e comportamentos específicos, mas o que determina o ser destas personagens é o lugar em que vivem, onde as condições sociais vão determinar o que serão. Como a personagem Pombinha que de mocinha “nascida para casar” se torna prostituta.

Pombinha é uma personagens com maior nível cultural se comparado com os demais, ela diferente dos outros personagens, havia estudado, por essa razão costumava ler e escrever cartas para eles, era uma menina atenciosa e prestativa e muito querida pelos outros moradores. Foi criada por sua mãe Dona Isabel, para casar, pois e via na filha a esperança de sair do cortiço, ou seja, a menina era seu bilhete de saída daquele lugar repugnante aos seu olhos.

Porém, o autor nos surpreende com o rumo que a personagem Pombinha toma, é o relacionamento com a prostituta Léonie. A princípio pensasse que a prostituta, gostaria de ter apenas uma relação com Pombinha assim como todos os moradores do cortiço, mas no decorrer da obra percebemos que vai muito além, o contato que ela vai tendo com a menina, o modo como a elogia, como lhe toca, percebe-se uma relação distinta, uma tentativa, por parte de Léonie, de estabelecer uma relação mais próxima.

Por vezes o comportamento de Leonie com a menina parecia de namorado, como podemos ver no trecho do capítulo XI da obra “[...] *sem se descuidar um instante da rapariga, tinha para ela extremas solitudes de namorado; levava-lhe a comida à boca, bebia do seu copo, apertava-lhe os dedos por baixo da mesa.*” (AZEVEDO, p.68, 1998)

O autor introduz com essas personagens o lesbianismo, onde mais adiante na obra Leonie matem relações sexuais com pombinha, mesmo contra a vontade da menina, mas tarde influência a menina a vida na prostituição e se tornam amigas e cocotes do novo bordel. Pombinha depois de iniciada nessa vida, passa a ter simpatia por Senhorinha, filha de dona Piedade e do Jerônimo. Ao ter com a

moçoila o início da relação que teve com Léonie, tornara-se o seu reflexo e assim como lhe foi feito.

A vida das personagens femininas desta obra é bem parecida com a de hoje em dia, pois há muitas situações que ainda presenciamos nos dias de hoje, como no caso de mulheres que não queriam casar como Rita Baiana, entretanto eram vistas como mulheres perdidas, indignas e perigosas por não servirem de bom exemplo para as “moças de família”.

Diante do exposto notamos que nas obras Lisistrata e O cortiço, há uma variedade de personagens femininas, que são retratadas conforme representação da mulher na sociedade, e que a criação das personagens não surge apenas do imagético dos autores, mas da influência do meio em que os escritores estão inseridos. Tanto Aristófanes quanto Aluísio, buscam observar e analisar a realidade da sociedade a qual pertencem. Notamos que existe semelhanças na criação das personagens de ambos os autores, pois na criação da imagem feminina eles buscam representar seres sociais, dotadas de capacidade intelectual, vocação sexual própria e indivíduos ativos na sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Autor Clássico

M. G. Kury (2002). **Aristófanes. Lisístrata ou a greve do sexo**. Rio de Janeiro: L & M Pocket.

Autores Modernos

A. Azevedo (1998). **O Cortiço**. São Paulo: Ática.

P. Grimal (1978). **O teatro antigo**. São Paulo. Martins Fontes.

H. R. Jauss (1979). **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. Trad. L. C. Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

J. Montello (1963). **Aluísio Azevedo**. Rio de Janeiro: Livraria Agir.

G. Murray (1968). **Aristophanes: a study**. Oxford. Clarendon Press.

J. Nicola (1993). **Literatura brasileira: das origens aos nossos dias**. São Paulo: Scipione.

D. Proença Filho (2004). **Estilos de época na literatura**. São Paulo: Ática.

R. Zilberman (2011). **Estética da recepção e História da Literatura**. São Paulo: Editora Ática.